

Nelson Vitiello

<http://www.administracaovirtual.com/>

MANUAL DE DINÂMICAS DE GRUPO

SOCIEDADE BRASILEIRA DE
SEXUALIDADE HUMANA

PERSONA
CENTRO DE ESTUDOS EM
COMPORTAMENTO HUMANO



IGLU
EDITORA

**MANUAL DE
DINÂMICAS
DE
GRUPO**

COORDENADOR: NELSON VITIELLO
AUTORES: ANA CRISTINA CANOSA GONÇALVES
ARLETE MARIA GIRELO TAVARES GAVRANIC
CARLA ZEGLIO / EDUARDO TAKESHI YABUZAKI
FABIA VITIELLO / MARILDA MOURA CAMPOS
NELSON VITIELLO / ROSANE MARQUES RODRIGUES SAMAHA
SIDNEI ROBERTO DI SESSA / SONIA BERNASCONI SOSNOSKI DAUD

MANUAL DE DINÂMICAS DE GRUPO

SOCIEDADE BRASILEIRA DE SEXUALIDADE HUMANA

PERSONA – CENTRO DE ESTUDOS
EM COMPORTAMENTO HUMANO

1997

Iglu Editora

© Copyright by Ana Cristina Canosa Gonçalves et alii

© Copyright 1997 by Iglu Editora Ltda.

Editor responsável:

Júlio Iglioni

Revisão:

Nelson Vitiello

Composição:

Real Produções Gráficas Ltda.

Capa:

Osmar das Neves

CATALOGAÇÃO NA FONTE DO DEPARTAMENTO NACIONAL DO LIVRO

M294

Manual de dinâmicas de grupo / coordenador: Nelson Vitiello ; Ana
Cristina Canosa Gonçalves... | et. al. | – São Paulo : Iglu, 1997.
250p. cm.

ISBN 85-85631-33-3

1. Dinâmica de grupo. I. Vitiello, Nelson. Gonçalves, Ana Cristina
Canosa.

CDD-302.3

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por processo xerográfico, sem permissão expressa do Editor (Lei nº 5.988, de 14.12.73).

Todos os direitos reservados à



IGLU EDITORA LTDA.
Rua Duílio, 386 – Lapa
05043-020 – São Paulo-SP
Tel.: (011) 873-0227

Dedicatória

**Dedicamos este livro, *in memoriam*,
ao Prof. Paulo Schmidt Goffi,
que nunca negou apoio, estímulo
e auxílio aos esforços
de todos os que com ele privaram.**

Índice

Apresentação	9
Estratégias para a aprendizagem	11
Um pouco da história.....	19
Dinâmicas de Grupo: Proposta, estrutura e objetivos	25
Descrição das dinâmicas de grupo	
A escultura	29
A Viagem	31
Desenho explicativo	34
Dessensibilização pela palavra	36
Dinâmica de avaliação	38
Dinâmica de encerramento	40
Dramatização: A adolescência.....	42
Dramatização: Disfunções sexuais masculinas	44
Dramatização: Doenças sexualmente transmissíveis	46
Dramatização: Uma ceia de Natal	48
Estudo de casos	50
Exclusão	54
Exposição de arte: sexualidade	56
Expressão artística como meio de dar e receber	58
Fantasia sexuais	60
Improvisação: criar uma dinâmica de grupo.....	62
Interpretação de texto	64
Liberação lúdica das fantasias	68

O amor, o que é?	70
Papel do Educador Sexual	72
Piso mágico	74
Rótulos	76
Sexualidade do profissional	78
Sexualidade na família	80
Tornarem-se conhecidos	82
Treinamento assertivo	84
Túnel do Tempo	86
Abrigo nuclear	88
Saco tátil	91
Dinâmica da eleição	93
Bibliografia recomendada	95

APRESENTAÇÃO

Em nosso meio existem relativamente poucas publicações versando os aspectos práticos do uso de Dinâmicas de Grupo como técnica didática voltada para o ensino superior. Por esse motivo, a Comissão Científica de Programação dos *Cursos Intensivos, de Extensão Universitária e de Pós-Graduação Lato sensu em Educação e em Terapia Sexual da SBRASH e da Faculdade de Medicina do ABC* resolveu organizar uma publicação onde constassem as dinâmicas utilizadas durante esses cursos. Nessa decisão, pesou o fato de julgarmos importante que o educando receba não apenas a informação teórica dos assuntos afetos à sexualidade humana, mas também (e principalmente) lhe seja oferecido instrumental que permita refletir sobre seus próprios conceitos e preconceitos.

Fruto de um esforço conjunto de vários profissionais e da experiência adquirida na formulação e facilitação de Dinâmicas de Grupo (DG) em Cursos de Pós-Graduação, o presente livro pretende levar aos leitores modelos básicos de DG, prontos para serem aplicados tais como vão descritos, ou com as modificações que o bom senso e a experiência indicarem.

Com esta publicação visamos oferecer conteúdo técnico de dinâmicas de grupo e modelos que sirvam para a prática diária dos profissionais. Procuramos seguir, em

todas as descrições, um roteiro simples e didático, apresentando os objetivos de cada DG, o tamanho ideal do grupo a qual pode ela ser aplicada, o tempo necessário para seu desenrolar, etc.

Esperamos assim tornar mais fácil o trabalho de educadores, especialmente aqueles que se dedicam à educação sexual, bem como à atividade dos terapeutas, posto que as DG se constituem em relevante instrumento para o atendimento de grupos.

Os autores

ESTRATÉGIAS PARA A APRENDIZAGEM

Para que a aprendizagem possa se dar em qualquer tipo de grupo (escolar, de reflexão, etc.), o educador conta com várias estratégias que fazem parte de uma nova metodologia na educação. Diferentemente da chamada Metodologia Clássica, onde a ação é centralizada no professor, que é nessa situação encarado como o único detentor de todo o saber, a *Metodologia Participativa Emancipatória* permite que o “aluno” participe ativamente do processo de aprendizagem, estando livre para expressar sua opiniões e idéias. Esta postura ativa do indivíduo diante do grupo promove sua emancipação, já que permite a aquisição da autoconfiança, negando a posição de mero receptor. Além disso, a *Metodologia Participativa Emancipatória* permite que os membros de um grupo se conheçam dentro de um clima descontraído, produzam um grande número de idéias e estabeleçam um relacionamento mais vivo e caloroso. Diante disso, os problemas e expectativas do grupo podem ser expressos e captados pelo educador que pode facilitar a quebra das percepções preconceituosas e das barreiras afetivas.

As estratégias para a aprendizagem devem ser usadas pelo educador sempre que este tenha por intuito promover a reflexão do grupo, porque é só desta forma que a emancipação levará o indivíduo à mudanças de comporta-

mento. O educador terá o desafio de adotar as estratégias que mais se adequem as características do grupo e ao objetivo que se procura atingir. Entende-se por características do grupo a idade, escolaridade, homogeneidade, nível sócio-econômico e particularidades culturais. Conhecer o grupo é talvez a melhor estratégia de um educador. E este conhecimento se dará paulatinamente, na mesma medida em que as estratégias para a aprendizagem vão sendo adotadas, permitindo a expressão dos membros do grupo.

A seguir, citaremos sucintamente os principais tipos de abordagens estratégicas para o ensino participativo.

1) Estratégias que visam o *aquecimento* e o *desbloqueio*

a) Apresentação Simples: Cada indivíduo se apresenta ao grupo;

b) Apresentação em Dupla ou Cruzada: Subdivide-se o grupo em duplas. Estas duplas devem se “conhecer” em alguns minutos e depois cada indivíduo deve apresentar seu par ao grupo;

c) Completamento de frases: É dado para cada membro do grupo uma folha de papel com o início de uma frase escrita, para que cada um continue a frase formando um texto. Por exemplo: “Ser um Educador Sexual é...”;

d) Desenhos em grupo: Diante de um tema, os membros do grupo discutem e se expressam em conjunto através do desenho;

e) Deslocamento Físico: Desloca-se o grupo do ambiente físico principal (sala de aula) para outro mais descontraído, onde o facilitador pode usar outra estratégia como uma Dinâmica de Grupo de aquecimento, ou mesmo uma apresentação simples;

f) Tempestade Cerebral (Brainstorming): Diante de um tema, uma palavra, frase ou objeto, cada membro do

grupo deve dizer as palavras ou sensações que lhe vierem a mente, para que o grupo todo tenha uma “imagem” global das idéias do grupo.

As estratégias de aquecimento ou desbloqueio devem ser utilizadas no primeiro contato com o grupo e tem por objetivo diminuir a ansiedade normal dos participantes frente a um novo encontro. Além disso preparam o grupo para os trabalhos que virão a seguir, possibilitando o início de um relacionamento mais afetivo e desinibido. Estas estratégias também permitem ao educador uma análise das expectativas e dos valores que os membros do grupo tem com relação ao “trabalho” que irão desenvolver.

2) Ação Centralizada no Professor

Embora as aulas expositivas façam também parte do arsenal didático clássico, que é mais centralizador da ação de aprendizagem na figura do professor, elas podem se constituir em importante recurso auxiliar também no ensino participativo. Não podemos nos esquecer que as exposições são importante recurso para a transmissão do conhecimento, não devendo por isso mesmo ser desprezadas. O que se pode fazer é, além de limitar o uso desse tipo de apresentação a um mínimo indispensável, fazer com que as aulas expositivas despertem interesse dos ouvintes (com um uso adequado de recursos audiovisuais, por exemplo) e que sejam permitidas interrupções sob a forma de perguntas, colocações e, eventualmente, até mesmo discussões. O bom professor seguramente poderá dar vida a uma aula expositiva, tornando seu conteúdo agradável e permitindo que seja ele enriquecido com as opiniões dos membros do grupo.

3) Pesquisas e Projetos

Estas estratégias visam incentivar a busca de informações, dados e materiais necessários, bem como motivar a participação dos membros do grupo nas atividades. O educador deve apresentar e discutir com os alunos os elementos de um plano de pesquisa, orientar e discutir os resultados.

O aluno deve ser orientado sobre os elementos básicos de uma pesquisa ou projeto e como formular adequadamente esses projetos. Além disso, importa não nos esquecermos que os menos experientes tem bastante dificuldade em captar todas as nuances de procedimentos necessários para adequada condução dos projetos, devendo ser acompanhados durante toda a execução do mesmo.

4) Aprendizado baseado em leitura e em escrita

Ler e escrever são atos ativos que devem ser incentivados pelo professor. Sempre há uma contribuição pessoal nesses atos, seja na interpretação e resumo de textos, seja na exposição verbal das idéias refletidas sobre determinada leitura. Essas estratégias promovem ainda a informação, o conhecimento, a organização de idéias e o desenvolvimento da habilidade de comunicação.

5) Estratégias baseadas na reunião de especialistas ou em preparação prévia

São estratégias que necessitam de uma certa maturidade e independência intelectual por parte dos participantes.

a) Seminários:

O grupo (ou subgrupos) deve estudar com profundidade um tema, a partir de diversos ângulos. Cada participante apresenta uma parte do tema por um tempo pré-determinado pelo grupo. Ao final das apresentações, o grupo deve chegar a uma conclusão. É importante que na escolha do tema o grupo possa ter certa liberdade, optando por um tema que seja de seu interesse. Deve haver também um planejamento de como este tema será dividido entre os participantes e como será apresentado, levando-se em conta o tempo necessário para os encontros de estudo e o tempo disponível para a apresentação.

b) Simpósio:

Cada expositor prepara uma faceta de um tema e dispõe de um tempo limitado para apresentá-lo. As apresentações não devem ser interrompidas; as perguntas e esclarecimentos devem ser deixados para o fim de cada exposição ou para o final de toda a exposição. As perguntas também devem ter seu tempo limitado.

Ao final, pode-se abrir uma discussão com os ouvintes ou fazer uma síntese das idéias apresentadas.

c) Painel:

Pequeno grupo de especialistas convidados debatem um tema previamente eleito, sob a organização de um moderador. É interessante que os convidados possuam visões antagônicas sobre o tema. Pode ocorrer síntese e discussão, dependendo da habilidade e da imparcialidade do moderador.

6) Discussão

Esta estratégia permite que qualquer tema seja debatido livremente pelos participantes. O professor deve, no entanto, estar atento com a organização da discussão, obedecendo o ritmo do grupo e controlando o tempo disponível. Deve também garantir a participação de todos e ter habilidade para diagnosticar os conflitos e lidar com as possíveis manifestações emocionais dos participantes.

7) Grupos

A atividade em grupo é uma estratégia que incentiva os participantes a confiar no auxílio e na avaliação dos colegas e promove a independência da autoridade do professor. Além disso permite que os indivíduos mais inibidos possam se expressar e ter uma participação ativa nos pequenos grupos, o que fornece dados para uma avaliação individual. Os trabalhos em grupo também aprofundam as discussões de temas. Podem ser: Pequenos Grupos; Grupos de Verbalização e Grupos de Observação; Grupos de Oposição e outros.

8) Confrontamento com Situações Reais

Esta estratégia coloca o aluno diante de uma situação de fato. São parte desse grupo de atividades os estágios, as excursões, a prática didática, a prática clínica, a condução de pesquisa, etc. O professor deve acompanhar a ação de seus alunos, bem como dar-lhes um *feed-back* para ajudá-los a refletir.

9) Sessões de Sensibilização

A sessão de sensibilização é uma estratégia fundamental para a promoção do aprendizado, porque quando o indivíduo está sensível a algo ele apreende mais fácil e profundamente o sentido daquilo em que está ligado, vivência a experiência com maior profundidade e, com isso, amadurece. Nada ensina melhor que a experiência e nada consegue transmitir mais experiência que a vida. Mas ao se viver e adquirir experiência, enfrenta-se um antagonismo crucial: somente após muitos anos vividos e bem vividos é que poderemos ter conseguido assimilar um respeitável volume de experiências, quando elas de pouco valem, uma vez que o ciclo biológico nos coloca ao final da existência. Sendo assim, as técnicas de sensibilização tem como objetivo sintetizar o largo amadurecimento de uma experiência e permitir que se possa ganhar, com algum trabalho, muita reflexão, e ainda com pequena vivência, uma certa sabedoria de vida que somente uma longa existência permitiria acumular. É por isso que grande parte das técnicas de sensibilização se apóiam em modelos de jogos orientais, posto que no oriente sempre existiu essa preocupação educacional, tanto dentro da escola como fora dela.

As sessões de sensibilização podem ser realizadas em escolas, universidades, atividades empresariais, reuniões comunitárias, reuniões familiares, encontros, grupos de reflexão, enfim, sempre onde haja uma mensagem a transmitir e principalmente quando se pretende fazer da técnica uma abertura para um trabalho educativo que terá seqüência e será marcado por claros objetivos. As sessões de sensibilização valorizam comportamentos, promovem a assunção de responsabilidades sociais e o aprimoramento da identificação do outro como indivíduo. Devem ser apli-

çadas por profissionais maduros e responsáveis, que saibam respeitar o momento emocional dos indivíduos, bem como os limites das atividades, que devem estar coerentes com os objetivos propostos.

Como principal técnica de sensibilização temos as chamadas *Dinâmicas de Grupo*, que envolvem jogos, dramatizações, estudos de caso, desenhos, etc.

UM POUCO DA HISTÓRIA

Muitos filósofos, sociólogos, psiquiatras e psicólogos já se dedicaram, de maneira ampla, ao estudo da dinâmica de atuação dos grupos. Entre eles não podemos deixar de citar Le Bon, Durkheim, Cooley, Gabriel Tarde, Freud, Wundt, McDougall e especialmente Jacó Levi Moreno que, pela importância que deram ao tema, merecem destaque especial.

Como estudante, entre 1908 e 1911, Jacó Levi Moreno costumava passear pelos Jardins de Viena, reunindo crianças e formando grupos para representações improvisadas. Desta forma, observou e trabalhou as inter-relações de vários grupos, tais como grupos de crianças e de prostitutas. Entre 1922 e 1925 Moreno teve a inspiração para o uso de técnicas lúdicas (*play techniques*) para a terapia de representações espontâneas, psicoterapia de grupo e aprendizagem de papéis.

Historicamente, o psicodrama representa o ponto culminante na passagem do tratamento do indivíduo isolado para o tratamento do indivíduo em grupos, e do tratamento por métodos verbais, para o tratamento por métodos de ação.

Etimologicamente, *drama* é uma transliteração do grego, que significa ação ou coisa feita. O psicodrama é, assim, uma coisa feita à psiquê e com a psiquê – ou seja, é a psiquê em ação.

O homem sempre apresentou como tendência básica a necessidade de compreender o Universo. Nesse anseio de curiosidade, desde sempre tentou usar a ação, a imitação e a representação como meio de expressão, procurando assim influenciar a natureza para viver melhor.

Esta necessidade imperiosa de movimento se manifesta desde o aparecimento da sociedade humana e sua conseqüente cultura, através de uma atividade livre, alegre e divertida: o jogo. Em sua essência, o jogo encerra um sentido maior do que a simples manifestação de uma necessidade; encerra sua significação. No jogo, existe alguma coisa "em jogo", que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação.

A criança, com seus jogos e brincadeiras, nos faz ver que dentre todas as atividades imprescindíveis para o organismo – comer, beber, dormir, sobressai a atividade lúdica. Pois o que a criança quer é jogar, desempenhar, criar uma realidade própria no seu mundo do "faz de conta", do "como se...". Podemos notar a alegria que as crianças manifestam quando jogam. Nessas situações surge um prazer natural, espontâneo, que reforça a motivação para continuar no jogo.

Se observarmos o comportamento das crianças durante seus jogos, poderemos confirmar a impressão de que elas tem uma crença absoluta na realidade do que escolhem para brincar. O jogo lhes permite ir a um mundo não real, o mundo da imaginação. Assim, por exemplo, uma simples caixinha de fósforos pode ser um caminhão, e uma boneca um ser humano. Entretanto, se questionarmos a criança que joga com seu "caminhão", ela nos dirá que está num "faz de conta", e que aquilo, na realidade, é uma caixa de fósforos.

No "faz de conta" a criança alcança um domínio pleno da situação, vivendo e convivendo com a fantasia e com

a realidade, capaz de instantânea e facilmente passar de uma situação à outra, criando assim a possibilidade de elaboração de seus anseios e fantasias. Essa fascinante capacidade de alternar sonho e realidade de maneira absoluta e totalmente convicta e convincente, faz com que se desenvolva a capacidade de dar respostas rápidas à situações novas e respostas novas à situações já conhecidas. Na verdade, as crianças conseguem tais feitos por terem ainda bem forte o senso de espontaneidade, que vai se sofisticando e diluindo na medida em que a pessoa se desenvolve. A essência do jogo, da capacidade de se revestir dos papéis e situações imaginárias, está exatamente nessa elevada espontaneidade, que estimula a liberdade e permite aos jogadores “viajar” no mundo da imaginação. Através dessa “viagem” pode-se recriar e descobrir novas formas de atuação.

É importante, assim, que o indivíduo queira jogar, que esteja disponível para o jogo, para que não se percam seus valores de espontaneidade e criatividade. Caso contrário, a liberdade também será perdida.

O jogo permite pois ao homem reencontrar a liberdade não só através de respostas, mas também na própria procura de formas novas para os desafios da vida, liberando sua espontaneidade criativa. O jogo nos devolve, com sua intensidade, uma fascinante energia que nos possibilita ir e vir, trocar e transformar, promovendo a descoberta, o encontro do homem consigo mesmo, com os outros e com o Universo.

No jogo se luta, se representa, se imagina ou se sensibiliza para alguma coisa. É neste sentido que o jogo enfeita a vida, ornamenta-a e se constitui em uma necessidade para o homem, ao lhe dar uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana”, de compreender e influenciar o mundo em que vive. Este é também o sentido em que

utilizamos o jogo no psicodrama e é o critério que aqui usamos para colecionar os jogos e classificá-los.

A expressão “dinâmica de grupo” apareceu pela primeira vez em 1944, tendo sido cunhada por Kurt Lewin. Esse psicólogo, um americano de origem alemã nascido em Mogilno, em 1890, e morto em Newtonville, Massachusetts, em 1947, esteve inicialmente ligado ao gestaltismo mas, posteriormente, desenvolveu uma teoria própria. Nesse desenvolvimento aplicou à psicologia social conceitos advindos da topologia geométrica e da física dos campos de força. Escreveu então “Princípios da Psicologia Topológica”, em 1936.

Após esses trabalhos concentrou-se no estudo das dinâmicas dos grupos e na influência do tipo de regime político-social sobre as crianças, garantindo merecido lugar de destaque na história do estudo da psicologia de grupos.

A atuação de Kurt Lewin marcou um período de fundamental importância no estudo dos fenômenos ligados aos grupos. Sua influência se faz notar em muitos estudos, pesquisas e obras, que desenvolveram suas idéias. Com ele, a psicologia e o estudo dos processos dinâmicos de atuação das pessoas e dos grupos teve grande desenvolvimento como ciência.

Lewin fundou um Centro de Pesquisas em Dinâmica de Grupo, onde testou várias de suas hipóteses e fixou novos objetivos de pesquisa em psicologia social, cogitando novos caminhos mais funcionais, eficientes e criativos para o estudo das relações interpessoais e intergrupais. Para ele, só o estudo de pequenos grupos poderia dar subsídios que nos levassem a compreender o que se passa nos macro-grupos.

Diversas disciplinas contribuíram para a elaboração e fundamentação da teoria da dinâmica de grupo, entre

elas a psicologia, a sociologia, a antropologia, as ciências políticas, a economia, a pedagogia, a medicina e outras. Começaram então a surgir diversas atividades grupais que se utilizavam dessas técnicas, tais como orientação de casais e de adolescentes, grupos de tratamento e auto-ajuda (alcoólicos anônimos, por exemplo), grupos voltados para educação de adultos ou para aspectos educacionais específicos, como a educação sanitária, e inúmeros outros grupos voltados para aspectos gerais ou particulares de processos pedagógicos.

Quatro foram as profissões que marcaram de maneira importante o estudo e o desenvolvimento das técnicas de dinâmica de grupo.

Serviço Social

Os profissionais dessa área foram os responsáveis pela orientação de equipes em escolas, clubes, grupos de recreação, etc.

Psicoterapia

A partir dos estudos de Moreno, os psicoterapeutas passam a se utilizar do grupo como elemento fundamental de modificação do comportamento dos indivíduos.

Educação

Sendo um dos objetivos maiores do processo educacional o preparo e a orientação de crianças e jovens para a vida em sociedade, com o uso de técnicas de dinâmica de grupo a escola deixou de ser simplesmente o local onde se pratica apenas a transmissão de conhecimentos, para assumir um papel de transformadora de atitudes.

Administração

As empresas precocemente reconheceram a importância do emprego de técnicas de dinâmica de grupo para o gerenciamento e a orientação de suas equipes de trabalho, e vem se utilizando largamente de tais procedimentos.

DINÂMICAS DE GRUPO

1 – PROPOSTA

É um trabalho prático de sensibilização que possibilita maior envolvimento dos participantes em seu processo de aprendizado.

A dinâmica de grupo tem se revelado excelente instrumento de educação participativa. As dinâmicas foram subdivididas em duas categorias, de acordo com seus objetivos:

- Enriquecimento interpessoal**
- Interesse informativo**

2 – ESTRUTURA

Cada dinâmica tem uma estrutura própria, uma disposição particular do grupo, um processo específico, contando sempre com a participação dos psicólogos e orientadores. Idealmente, as Dinâmicas de Grupo devem ser, ao mesmo tempo, lúdicas e reflexivas. Lúdicas por que o componente prazeroso é importante no aprendizado; e reflexivas, pois se não levarem os educandos a repensarem suas posturas e preconceitos em relação à sexualidade e a

si mesmo, em seus processos de vida, não estarão cumprindo adequadamente suas finalidades.

3 – OBJETIVOS

As dinâmicas de enriquecimento interpessoal tem como finalidade desenvolver um melhor inter-relacionamento entre os alunos, promovendo interações positivas.

As dinâmicas de interesse formativo completam dados significativos para formação do educador, possibilitando obter compreensão, *insights* e comportamentos profissionalmente adequados no trato com os educandos.

4 – PARTICIPANTES

Todos os alunos dos Cursos, coordenados pelos psicólogos e orientadores.

**Descrição das principais Dinâmicas
de Grupo
utilizadas nos Cursos**

A ESCULTURA

Objetivo:

Este jogo se propõe a provocar a capacidade de imaginação e fantasia dos adultos, freqüentemente relegados a um segundo plano.

Tamanho do grupo:

Vinte a trinta pessoas, dispostas em círculo.

Tempo exigido:

1 hora.

Material necessário:

Nenhum.

Ambiente físico:

Sala de aula ampla, sem carteiras.

Processo:

Um dos participantes, como se estivesse trabalhando com argila, deve “esculpir” com as próprias mãos um determinado objeto e “entregá-lo” ao seu companheiro da direita, que deve receber e dizer o que recebeu (o que imagina que lhe foi entregue). A seguir, “desmancha” a escultura, faz outra e passa para o seu companheiro da

direita, que procede da mesma forma, até se completar a rodada.

Fechamento:

O facilitador discutirá com os participantes sobre as dificuldades de representação espacial que todos temos, e como essa relativa incapacidade pode geral mal entendidos. Enfatizará também que nosso "filtro sensorial" faz com que vejamos o que estamos predispostos a ver.

A VIAGEM

Objetivo:

Fazer com que os participantes desenvolvam a capacidade de imaginação e a criatividade. Promover o relaxamento.

Tamanho do grupo:

De 25 a 35 participantes.

Tempo exigido:

De uma hora a uma hora e meia, dependendo do tamanho do grupo.

Material necessário:

Texto a ser lido por um dos facilitadores.

Ambiente físico:

Sala ampla, sem carteiras.

Processo:

Pede-se aos participantes que formem um círculo, todos sentados no chão e de mãos dadas aos vizinhos, mantendo os olhos fechados. Um dos facilitadores lerá então, bem pausada e claramente o texto a seguir, solicitando aos

participantes que se concentrem o mais possível durante o exercício.

A VIAGEM...

Imaginem estar sentados em um terreno descampado, uma planície, completamente escura. Imaginem que vai surgindo um foco de luz branca, que vai ficando cada vez mais intenso, iluminando uma área do terreno, bem à sua frente. Esse foco, além de luz, emana calor, um calor agradável e aconchegante.

Em sua imaginação, vocês lentamente vão se levantando e se dirigindo ao local iluminado pelo foco, cruzando a área iluminada. Ao emergirem do outro lado, observam estar ao pé de uma montanha, havendo um estreito caminho de pedras para escalá-la, possibilitando a passagem de apenas uma pessoa de cada vez. Vocês vão se organizando em fila e, lentamente, subindo pela trilha.

Ao chegar ao topo da montanha, encontram uma caverna. Nela entrando, observam que, apesar da escuridão reinante, podem divisar ao longe, bem no fundo da caverna, um único ponto luminoso. Penetrando lentamente na caverna, vocês aos poucos vão percebendo que a luz divisada é a de uma fogueira. Na medida em que dela se aproximam, vêem que, frente a fogueira, esta sentado um simpático monge, que lhes acena, convidando-os a sentarem-se, um de cada vez, em uma almofada ali postada.

Ao chegar a sua vez, você é informado de que tem direito a formular uma única pergunta. Após pensar bastante, você a faz. Depois de ouvir a resposta dada pelo monge, você dele se despede, voltando lentamente a entrada da caverna e descendo pela trilha. Ao chegar ao pé da

montanha, refaz o caminho da ida e passa novamente pela área iluminada e aquecida pelo foco de luz branca.

Todos vão se sentando novamente em círculo, dando as mão aos vizinhos. Com a mão direita, você faz sutil pressão na mão esquerda de seu vizinho, enquanto recebe, em sua mão esquerda, a pressão que o outro vizinho lhe faz. Na medida em que recebe a pressão em sua mão esquerda, você procura transmiti-la, em idêntico grau, ao seu vizinho da direita.

Enquanto as pressões vão se igualando, a luz, de início branca, vai se tornando cada vez mais azulada. Após estabilização da coloração da luz, os participantes devem ir lentamente afrouxando a pressão exercida, com o que, concomitantemente, a luz irá diminuindo de intensidade, até a extinção total.

Fechamento:

Os participantes serão instruídos a seguir para ir lentamente abrindo os olhos e retomando contato com o ambiente. Quando todos estiverem em plena vigília, serão instados a relatar qual a pergunta feita ao monge e qual a resposta recebida. Claro que isso será feito voluntariamente, reservando-se aos que assim o preferirem, o direito ao silêncio sobre o assunto.

No final, o coordenador chamará a atenção de todos para os diversos aspectos envolvidos, tais como a maior ou menor facilidade em soltar a imaginação, e a curiosidade íntima de cada um.

DESENHO EXPLICATIVO

Objetivo:

Esse exercício se destina a integrar os participantes e a demonstrar aos profissionais a distância existente entre o conhecimento teórico e a aplicação desse conhecimento na prática, permitir que o participante visualize seus conceitos sobre o tema abordado através da técnica do desenho e proporcionar a reflexão e a discussão sobre a externalização dos conceitos e de como isso é projetado nas relações sociais travadas pelo indivíduo.

Tamanho do grupo:

Vinte a trinta pessoas, subdivididas em grupos de 4 ou 5 elementos.

Tempo exigido:

1 hora.

Material necessário:

Nenhum.

Ambiente físico:

Sala de aula, sem carteiras.

Aquecimento:

O grupo deve caminhar pela sala, o mais unido possível, obedecendo à voz de comando do facilitador, (mais rápido, mais lento, de costas, pulando, etc...)

Processo:

Após o aquecimento, o grupo deve se dividir em dois subgrupos, cada qual ficando sob a supervisão de um facilitador. Um dos participantes de cada subgrupo deve deitar-se sobre ampla folha de papel, enquanto o resto do grupo desenha sua silhueta. Idealmente, cada subgrupo deve escolher um modelo de cada sexo. Depois, o grupo deve localizar e desenhar os órgãos sexuais na figura, especificando suas funções. Pode-se pedir para que os subgrupos se unam e desenhem uma terceira figura, desenhando e localizando os órgãos que representariam o intersexo.

Fechamento:

O facilitador pode discutir as facilidades e dificuldades encontradas pelos subgrupos, na representação da anatomia de cada sexo. Podem-se colocar os desenhos em local visível, abrindo a discussão.

DESSENSIBILIZAÇÃO PELA PALAVRA

Objetivo:

Esse exercício, além de desembaraçar os integrantes do grupo, alerta os profissionais para a necessidade do uso da nomenclatura correta, em situações específicas.

Tamanho do grupo:

Vinte a trinta pessoas.

Tempo exigido:

1 hora.

Ambiente físico:

Sala de aula ampla, com carteiras.

Material utilizado:

Um quadro ou *flip-chart*.

Processo:

1 – Palavras, de alguma maneira ligadas ao exercício da sexualidade, vão sendo sugeridas pelos participantes e anotadas numa lousa;

2 – Os facilitadores pedem aos participantes, em seqüência, que dêem sinônimos populares para cada uma das palavras.

Ex:	Pênis	Vagina	Homossexual masculino	Ato sexual
	Pinto	Xoxota	Viado	Trepada

3 – O grupo, em seguida, deve formar duplas. Os componentes de cada dupla devem, sucessivamente, formular uma frase, usando os termos anotados na lousa, com o sentido de um convite a atividade sexual.

Fechamento:

Os facilitadores devem ouvir os depoimentos dos participantes sobre seus sentimentos ao formularem as frases, enfatizando como por vezes é difícil se expressar. Devem também enfatizar que, especialmente quando se visa a educação sexual, é importante que se use a terminologia à qual os educandos estão habituados.

DINÂMICA DE AVALIAÇÃO

Objetivo:

Esse exercício se propõe a fazer uma análise objetiva e conclusiva sobre o curso realizado e todos os aspectos nele envolvidos: qualidade das aulas, corpo docente, material didático, etc...

Tamanho do grupo:

De 20 a 30 pessoas.

Tempo exigido:

Uma hora.

Material necessário:

Lousa ou flip-chart

Ambiente físico:

Sala de aula, com carteiras.

Processo:

Na lousa, são dispostos em fileiras os diferentes itens envolvidos no Curso e, logo abaixo deles, cada aluno escreverá um adjetivo para qualificar esses itens. É importante

que cada participante possa se expressar sem constrangimento. Para isso, o facilitador pode distribuir papéis de tamanho e cor iguais para todos, onde cada um escreve suas opiniões sobre cada item. Depois, o facilitador cola os papéis nas colunas correspondentes.

Ex:

	<u>Corpo</u>	<u>Dinâmicas</u>	<u>Aulas.</u>
Aluno 1	Bom	Ótimas	Regulares
Aluno 2	Medíocre	Ótimas	Ruins.

Fechamento:

O facilitador enfatizará as opiniões dos alunos, levando sempre em conta a possibilidade de que, uma vez iniciado o processo dinâmico de crítica, podem surgir situações em que as críticas são formuladas por alguns participantes apenas para marcar presença, sendo por vezes injustas e imotivadas.

DINÂMICA DE ENCERRAMENTO

Objetivo:

Propiciar um clima de despedida fraternal entre os participantes, no fechamento do encontro.

Tamanho do grupo:

Todo o grupo envolvido.

Tempo exigido:

Uma hora

Material necessário:

Massa de modelar, de várias cores.

Ambiente físico:

Sala de aula, de preferência sem carteiras fixas, para que se possa, se desejado, abrir espaços para sentar no chão.

Processo:

O coordenador pedirá que cada participante represente, usando massa de modelar, seu sentimento pelo curso. Depois, cada participante deverá falar em voz alta o que quis demonstrar com sua massa de modelar.

Fechamento:

O facilitador chamará a atenção de todos para as naturais dificuldades de expressão, especialmente quando se trata de demonstrar emoções.

DRAMATIZAÇÃO: A ADOLESCÊNCIA

Objetivos:

Propiciar aos participantes a oportunidade de vivenciarem determinadas situações no papel de adolescentes e no de adultos que lidam com adolescentes, em algumas situações problemáticas.

Tamanho do grupo:

25 a 40 pessoas.

Tempo exigido:

1 hora.

Material utilizado:

Papéis a serem distribuídos para subgrupos, com frases indicando situações a serem dramatizadas.

Ambiente físico:

Sala suficientemente ampla para realização do exercício.

Processo:

O Coordenador dividirá a turma em 4 subgrupos, cada um dos quais receberá uma folha de papel com a frase que indica o tema ou situação a ser dramatizada.

Cada subgrupo terá 20 minutos para discussão do tema que lhe coube, após o que o subgrupo ou um de seus representantes dramatizará a situação para o grupo todo.

Após a apresentação de todos os subgrupos, o Coordenador deverá fazer as observações necessárias acerca do trabalho, explorando também as sensações experimentadas pelos membros envolvidos na vivência.

Finalmente, cada um dos participantes deve ser instado a prestar um depoimento sobre como se sentiu interpretando o papel que lhe coube.

Sugestões de temas para dramatização:

1 – Uma adolescente que apresenta uma gestação indesejada.

2 – Jovem adolescente vai transar pela primeira vez com a namorada.

3 – Um adolescente descobre-se portador de uma Doença Sexualmente Transmissível.

4 – Um adolescente deseja sair da casa dos pais e ir morar sozinho.

DRAMATIZAÇÃO: DISFUNÇÕES SEXUAIS MASCULINAS

Objetivo:

Confrontar educadores com situações de desestabilização emocional, advindas de disfunções sexuais masculinas, para que repensem suas posições a respeito do assunto e consigam se colocar no lugar de seus pacientes e educandos.

Tamanho do grupo:

Idealmente de 20 a 30 pessoas, subdivididas em grupos de 5 pessoas.

Local:

Sala ampla, sem carteiras.

Material necessário:

Nenhum

Aquecimento:

O grupo deverá caminhar pela sala, observando seu corpo e procurando concentrar-se.

Processo:

Cada subgrupo deverá dramatizar uma das situações descritas a seguir, para posterior discussão com o grupo.

1) – O casal está com dificuldades no relacionamento, pois o marido apresenta algum tipo de disfunção sexual. Cada um deles procura um profissional da área médica para expor o problema. Durante a consulta, ao descreverem a situação, apresentam diferentes percepções dos fatos, caracterizando uma inadequação sexual.

2) – Situação familiar corriqueira, com marido, mulher, filhos, sogra ou empregada, na qual um conflito do dia a dia impede ou dificulta a vivência de uma situação sexual para satisfação de um desejo demonstrado pela esposa.

3) – Num grupo de adolescentes masculinos, como é próprio dessa faixa etária, eles intensificam, valorizam e fantasiam as próprias vivências. Deste grupo, um adolescente se destaca e, em voz alta, se questiona, comparando suas próprias vivências com as apresentadas pelos demais.

4) – Um grupo de homens na terceira idade jogando dominó e tecendo comentários a respeito da ausência de um dos frequentadores da roda. Ele não está porque arrumou uma namorada vinte anos mais nova. Comentários maldosos a respeito da capacidade do amigo em satisfazê-la.

5) Situação familiar na qual apresentam-se diferentes condutas em relação à sexualidade (filha reprimida, filho mais velho que pode tudo), culminando numa absurda pressão do pai para que o caçula se inicie sexualmente.

Fechamento:

A discussão com os alunos deverá ressaltar não apenas os fatos inerentes a cada situação simulada, mas também a importância de que o educador tome contato com situações que muitas vezes não fazem parte de seu dia a dia, porém reconhecidamente existem e devem ser levadas em conta.

DRAMATIZAÇÃO: DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Objetivo:

Propiciar aos participantes a oportunidade de vivenciar determinadas situações no papel de Educador, frente à problemática enfrentada pelos portadores de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).

Tamanho do grupo:

30 a 35 participantes.

Tempo exigido:

Uma hora.

Material utilizado:

Tiras de papel contendo os temas a serem vivenciados pelos participantes.

Ambiente físico:

Sala ampla.

Processo:

Os participantes são subdivididos em pequenos grupos de 8 a 10 pessoas cada um. Cada subgrupo receberá uma tira de papel com a situação a ser encenada, dentre as

sugeridas a seguir. Após 10 a 15 minutos de prazo, cada subgrupo apresentará a todos sua encenação.

Os participantes serão instados a apresentar depoimentos sobre suas sensações e emoções durante a experiência.

Fechamento:

Os facilitadores deverão realçar o estigma social que acompanha as DST, bem como os aspectos ligados ao temor à morte, em casos de AIDS. É importante também que aponte para as dificuldades que cada um tem em falar de si próprio e em se encarar como “promíscuo”.

Algumas situações que podem ser sugeridas para dramatização:

1 – Uma adolescente grávida, descobre-se soropositiva para HIV.

2 – Um pai de família, até onde se sabia austero e prudente, aparece como portador de uma DST.

3 – Médica descobre ser portadora da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida e quer morar só.

DRAMATIZAÇÃO: “UMA CEIA DE NATAL”

Objetivo:

Confraternização dos participantes.

Tempo exigido:

Uma hora a uma hora e meia.

Tamanho do grupo:

De 10 a 40 pessoas.

Material necessário:

Nenhum.

Ambiente:

Sala ampla.

Processo:

Uma Ceia de Natal é dramatizada livremente, ficando os participantes soltos na escolha e na interpretação dos papéis. Tem por finalidade levar o indivíduo a uma expressão espontânea e criativa, que possibilite a recriação dos papéis rigidamente desempenhados na situação real, análoga à da apresentação.

Fechamento:

Fase dos comentários. Esta fase tem função importante e que transcende o nível puramente grupal: a de marcar a relação da temática explicitada no contexto dramático com o contexto social.

ESTUDO DE CASOS

Objetivo:

Promover a reflexão e a discussão acerca de um caso específico que necessite de uma “solução” a ser buscada pelo grupo.

Tamanho do grupo:

Mínimo de 5 e máximo de 25 participantes. O exercício poderá ser feito com vários subgrupos.

Tempo requerido:

1 hora.

Ambiente físico:

Sala ampla, que possa acomodar os participantes.

Material exigido:

Uma cópia do Estudo de Caso para cada subgrupo.
Um quadro, lousa ou *flip-chart* para anotações.

Processo:

1 – O facilitador pede para que os participantes se dividam em subgrupos.

2 – Distribui-se uma cópia do Estudo de Caso para cada subgrupo, que deverá lê-la, discuti-la e refletir sobre o caso, buscando uma “solução” para ele. Cada subgrupo poderá receber casos diferentes, ou todos poderão receber cópias do mesmo caso.

3 – Cada subgrupo deverá eleger um relator, para que este exponha a solução encontrada por seu grupo para o caso em pauta. O facilitador, enquanto isso, anotará no quadro os pontos principais das reflexões de cada subgrupo.

4 – Abre-se a discussão para todos os participantes.

Fechamento:

O facilitador estimulará discussão entre os participantes, buscando o enfoque das diferentes interpretações e diferentes soluções encontradas para cada caso.

CASO 1

Você é um professor do 2ª série de uma escola particular do interior de São Paulo. Um aluno seu, L. T. (8 anos) foi “encontrado” pelo orientador pedagógico fazendo “troca-troca” no banheiro, com um aluno da 5ª série e o repreendeu severamente. O pai de L. T., um rico fazendeiro da região, foi a escola e após muita discussão, responsabilizou a escola por omissão, você por irresponsabilidade, o orientador por agressão e o aluno da 5ª série por abuso sexual. Além disso, um jornal local relatou o fato pela ótica do pai de L. T., o que deixou a cidade revoltada. Seus alunos, em sala, perguntam a você o que é “omissão”, “abuso sexual” e “troca-troca”.

CASO 2

Sua vizinha, M. B. (40 anos), sabendo que você é um Educador Sexual e por isso deve “entender dessas coisas”, procura sua ajuda em uma conversa informal. Conta-lhe então que sua filha, R. S. (17 anos), noiva de um “bom partido”, acaba de decidir desmanchar o noivado por estar apaixonada por uma mulher. Quando ela verbaliza o nome da “namorada” de R. S., você percebe tratar-se de sua sobrinha mais querida. Sem saber desse parentesco, M. B. relata que seu marido a culpa pela “sem-vergonhice” da filha, que quer expulsar de casa. Frente a isso, R. S. decidiu fugir de casa e, com sua “namorada”, vai viver em outra cidade. M. B., chorando desesperada, diz que R. S. é sua única filha e que não sabe o que vai fazer sem sua filha em casa, embora ela “sofra desse mal”.

CASO 3

Você trabalha na área de Recursos Humanos de uma grande empresa de construção civil de São Paulo. Por ser também um reconhecido Educador Sexual, o Diretor Financeiro, C. M. (41 anos), o procurou na própria empresa para conversar sobre “assuntos particulares”.

C. B., visivelmente deprimido, relata que a 6 meses sofre de “ejaculação precoce”. Como em todas as vezes que tem relações sexuais com sua esposa “ejacula muito rápido”, o que não o satisfaz, acaba se masturbando no banheiro em seguida. C. M. relata também que pratica “essa atividade” (a masturbação) diariamente, desde os quatorze anos de idade, e que não acha isso muito normal. Conta ainda que sua esposa revelou-lhe recentemente que não

sente prazer nenhum nas relações e que pretende procurar um terapeuta sexual. C. M. acredita que seu casamento está falindo, até porque tem mantido relações sexuais extraconjugais com várias mulheres (inclusive algumas colegas de trabalho), achando que sua esposa está desconfiada disso. Tem tomado um anti-depressivo (Prozac) por conta própria, sem perceber qualquer melhora em seu estado de depressão, o que tem afetado seriamente seu trabalho na empresa.

EXCLUSÃO

Objetivos:

1 – Permitir aos participantes experimentar conscientemente o que significa ser excluído do grupo.

2 – Confrontar sentimentos que se originam da exclusão.

3 – Experimentar processos pelos quais a identidade social é concedida pelo grupo excluído e aceita pelos membros excluídos.

Tamanho do grupo:

Ilimitado. Devem ser formados subgrupos de 5 pessoas.

Tempo exigido:

De uma hora a uma hora e meia.

Material utilizado:

Refrigerantes e biscoitos.

Ambiente:

Sala ampla para acomodação dos participantes.

Processo:

1 – O facilitador forma subgrupos de 5 pessoas, deixando uma pequena distância entre um grupo e outro. O

critério para o agrupamento deve ficar por conta dos próprios participantes.

2 – Cada subgrupo é orientado para excluir um membro. O critério para exclusão deve ser fixado pelo próprio grupo. Cada subgrupo terá 20 minutos para cumprir essa tarefa. Assim que cada subgrupo tiver escolhido um membro para ser excluído, estes serão encaminhados juntos para um lugar prefixado da sala, o mais distante possível, mas à vista, dos subgrupos originais.

3 – O subgrupo dos “excluídos” é orientado para conversar entre si. Enquanto isso, é servido refrigerante e biscoitos para os integrantes dos subgrupos originais, que não devem se comunicar com os membros do subgrupo dos excluídos.

4 – Cada subgrupo original escolhe um porta-voz, que deverá explicar quais foram os critérios usados na exclusão de um dos seus integrantes.

5 – O facilitador convida a seguir o subgrupo dos excluídos a localizar-se no centro da sala, onde cada um dos seus membros dirá a razão de sua exclusão do subgrupo original, se acha que essa exclusão foi justa, como se sente em relação ao subgrupo que o excluiu e também em relação aos outros membros do subgrupo dos excluídos.

6 – Os excluídos são então instados a voltarem aos seus grupos de origem e procurarem novamente se integrar.

7 – Reúne-se então o grupo todo e o facilitador apresenta comentários acerca do exercício realizado, enfatizando os aspectos sociais e sexuais, as características das pessoas “normais” e das “estigmatizadas”, bem como a interação entre os estigmatizados.

EXPOSIÇÃO DE ARTE: “SEXUALIDADE”

Objetivos:

Fazer a leitura do processo de criação, identificando os sentimentos surgidos na elaboração de um objeto de arte referente a sexualidade.

Tamanho do grupo:

Ilimitado. Subgrupos de 6 pessoas.

Tempo exigido:

Aproximadamente uma hora.

Ambiente:

Sala ou salas suficientemente amplas para a acomodação dos participantes.

Material utilizado:

Folhas de cartolina, sucata, cola, tintas, pincéis.

Processo:

1 – O facilitador solicita aos integrantes do grupo que se dividam em subgrupos de no máximo 6 pessoas.

2 – Propõe que cada subgrupo se utilize do material disponível para confeccionar, em 30 minutos, um objeto de arte que transmita elementos da sexualidade do grupo.

3 – Arrumada a “exposição” dos objetos produzidos, solicita-se que um representante de cada subgrupo identifique-se com o objeto e, na primeira pessoa do singular, identifique-se com ele e transmita seu significado para todo o grupo.

4 – Após o término das explicações, o grupo como um todo terá 10 minutos para expressar sentimentos que tenham surgido durante a confecção do objeto ou da sua apresentação, discutindo-se as emoções emergentes durante o processo de criação.

EXPRESSÃO ARTÍSTICA COMO MEIO DE DAR E RECEBER

Objetivos:

Vivenciar os problemas ocorrentes em sentimentos, com o dar e receber um presente. Facilitar o relacionamento interpessoal através da percepção que se tem do outro. Explorar as dimensões de um encontro breve.

Tamanho do grupo:

De 30 a 35 participantes.

Tempo exigido:

Uma hora.

Material utilizado:

Massa de modelar.

Ambiente físico:

Sala ampla para acomodar todos os participantes.

Processo:

Os facilitadores solicitam aos participantes que caminhem em silêncio pela sala, e que formem par com alguém por quem se sintam atraídos ou por quem tenham maior afinidade. Pede-se então aos participante que utilizem a

massa de modelar para fazer um presente a ser dado ao seu par.

Terminada a tarefa, os facilitadores solicitam que cada um entregue o seu “presente” à pessoa escolhida, dizendo os motivos que o levaram a presenteá-la.

Fechamento:

Os facilitadores pedirão aos participantes para que digam como se sentiram ao dar e ao receber os presentes, enfatizando as dificuldades que a maioria tem para escolher o que dar e, principalmente, para receber presentes.

FANTASIAS SEXUAIS

Objetivo:

Estimular a percepção de emoções e comportamentos frente à declaração de fantasias sexuais.

Tamanho do grupo:

Indefinido. Subgrupos de quatro a sete participantes.

Tempo exigido:

Aproximadamente uma hora.

Material:

Objetos estimuladores da sexualidade (meias femininas, echarpe, cueca, etc.).

Ambiente:

Sala ampla.

Processo:

1 – O critério da subdivisão em grupos será feito através da eleição de um objeto, que será apresentado pelo facilitador.

2 – Com a posse do objeto, o grupo se reúne para discutir e criar uma fantasia sexual.

3 – Os subgrupos escolherão um relator, que explicará a fantasia criada. O relato deve ser feito na primeira pessoa do singular.

4 – Os subgrupos discutirão os sentimentos emergentes através da escuta dos relatos dos outros subgrupos.

5 – Os subgrupos elegerão novo relator para declarar (na primeira pessoa do singular) as emoções causadas pelos outros relatos.

Fechamento:

As emoções serão compartilhadas e discutidas por todos, sob a coordenação do facilitador, que enfatizará os aspectos mais importantes dos sentimentos desencadeados.

IMPROVISACÃO: CRIAR UMA DINÂMICA DE GRUPO

Objetivos:

Estimular os participantes a utilizarem os conhecimentos teóricos obtidos no decorrer do Curso, formulando uma DG de qualquer tipo. Avaliar os conhecimentos transmitidos.

Tamanho do grupo:

Vinte a trinta pessoas.

Tempo exigido:

Uma hora.

Ambiente físico:

Sala ampla, sem carteiras.

Processo:

Os alunos serão divididos em subgrupos, e a eles será pedido que, com base nas aulas que já tiveram, montem dinâmicas de grupo, painéis de discussão, etc., para apresentação posterior para toda a sala.

Fechamento:

Deve ser chamada a atenção do grupo para a necessidade de conhecimento e domínio das diferentes técnicas

de dinâmica. Esse tipo de conhecimento torna improvisações de qualquer tipo viáveis, o que num projeto de educação é sempre necessário.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Objetivo:

Deixar claro aos participantes a dificuldade em identificar comportamentos ou situações que podem ser caracterizadas como sensuais ou como sexuais, pois o que é sensual para um pode ser sexual para outros.

Tamanho do grupo:

De 20 a 35 participantes.

Tempo exigido:

Cerca de uma hora.

Material utilizado:

Cópias do texto a ser analisado. Canetas com tinta azul e vermelha

Ambiente físico:

Sala ampla, com carteiras.

Processo:

Explicar os objetivos da dinâmica, e solicitar que se dividam 4 ou cinco subgrupos. Cada subgrupo deve ler o texto em conjunto e promover discussão sobre o que cada um e o que o grupo julga como sendo sensual ou sexual,

sublinhando cada situação com uma das cores de canetas fornecidas. As conclusões de cada subgrupo serão apresentadas por um relator, eleito pelo próprio subgrupo.

Após a discussão, os grupos se reúnem e o relator de um dos grupos apresenta a todos as passagens que seu grupo considerou como sensuais ou como sexuais, justificando esses conceitos. A seguir, os relatores dos outros grupos apresentarão os pontos de concordância ou não com o primeiro relator, devendo ser dado a todos a oportunidade de expor os motivos das concordâncias ou discordâncias.

Fechamento:

Os facilitadores devem chamar a atenção para as diferenças surgidas, mostrando a todos que certos conceitos não podem ser "fechados" e que deixa de haver unanimidade em inúmeros pontos referentes à sexualidade humana.

TEXTO PARA LEITURA E INTERPRETAÇÃO

PENSANDO EM VOCÊ

Acabo de acordar. O relógio marca 7 horas. O frio dá uma sensação de preguiça. Levanto-me com certa dificuldade, pois sair da temperatura morna do cobertor e sentir o ar gélido do meu quarto não é algo agradável. Sinto que a cama está maior sem você ao meu lado. São cinco dias que durmo sem você e ainda sinto falta de seu corpo, de seu cheiro, de sua respiração.

Vou até a janela e abro a cortina. O sol invade o quarto, dando um aspecto alegre. As árvores, nessa época do ano, estão sem folhas, a grama está seca. Essa visual meio

árido não elimina minha percepção de beleza da paisagem que vejo.

Volto para a cama e começo a lembrar de você. Sinto saudade. As cenas do nosso último encontro passam em minha tela mental, produzindo uma sensação muito prazerosa. Imagino que estamos novamente naquela adega. O sabor do vinho se mistura com o sabor do teu beijo molhado. Meu corpo vibra, se aquece, como se estivesse se repetindo aquele momento. Lembro-me que seu beijo e seu abraço, inicialmente aconchegantes, vão aos poucos se tornando intensos e fortes. A excitação foi tomando conta de nossos corpos e da nossa mente. E agora, como se estivesse com você, vou sentindo em minha roupa a umidade do carinho e dos toques que recebi.

Já é hora de sair da cama. Logo você vai chegar e gostaria de preparar um café especial.

Depois de um banho morno, fico mais disposta. Coloco um disco de música romântica. Preparo a mesa com sabores gostosos de geléias, frutas e biscoitos.

A campainha toca e tenho certeza que é você. São 8:30 horas.

O abraço que você me dá traduz-se por uma saudade intensa.

Pouco nos envolvemos com o café, pois muitas coisas haviam a serem ditas. A conversa foi estimulante. Fiquei contente em saber que tudo havia ocorrido como você esperava.

Não vimos o tempo passar. Já eram 10:30 horas.

Fomos para a sala escutar música, como sempre gostamos de fazer. Logo era hora do almoço e os amigos nos esperavam num restaurante. Passamos o restante do dia com os amigos, num clima alegre.

À noite estávamos em casa; tomamos um banho e fomos para o quarto, que estava iluminado pela lua cheia.

Nossas carícias produziam sensações agradáveis. Sentia que em cada parte do seu corpo que eu tocava era como se você percebesse diferente. A excitação do toque nos lábios induzia ao desejo da carícia genital. Nossos toques se transformaram em movimentos sincronizados e ardentes do envolvimento de nossos corpos.

Do calor veio o êxtase. Do clímax veio a calma e o aconchego. Trocamos amor, fazendo amor, sentindo amor.

Dormimos felizes.

LIBERAÇÃO LÚDICA DAS FANTASIAS

Objetivo:

Fazer com que os indivíduos fantasiem, num exercício saudável de capacidade imaginativa. Vivenciar e entender a importância das fantasias eróticas para a vida sexual. Vivenciar os problemas com sentimentos que aparecem ao esboçar uma fantasia erótica.

Tamanho do grupo:

30 participantes.

Tempo exigido:

Uma hora.

Material utilizado:

Uma boneca.

Ambiente físico:

Sala ampla, sem carteiras.

Processo:

Os facilitadores solicitam aos participantes que formem um círculo. Será dada a instrução para que cada participante faça e diga o que quiser para a boneca, liberando ludicamente sua fantasia. Após fazer isso, passará a boneca

para o colega da direita, que deverá evitar repetir os que o antecederam.

Quando todos tiverem terminado suas tarefas, os facilitadores solicitam que os participantes formem pares; cada elemento do par deverá fazer no outro exatamente o que fez e disse para a boneca.

Fechamento:

Ao término do exercício, os facilitadores devem solicitar aos participantes depoimentos sobre suas sensações durante o exercício.

O AMOR, O QUE É?

Objetivo:

Levar os participantes a perceber que as pessoas, em função de diferentes histórias de vida, têm diferentes posturas sobre esse tema. Levá-los também a refletir como sentem, intimamente, o tema proposto.

Tamanho do grupo:

Vinte a trinta pessoas.

Tempo exigido:

1 hora.

Ambiente físico:

Sala de aula ampla, com as carteiras dispostas em círculo.

Aquecimento:

Caminhando em silêncio, perceber o seu corpo.

Processo:

Cada participante recebe uma folha de papel, sendo-lhe solicitado que complete, individualmente, a frase: "O amor é..."

Em seguida, as folhas serão recolhidas e os participantes devem se dividir em 3 grupos. Para cada grupo será sorteado um tema:

- 1) Amor altruísta**
- 2) Amor romântico**
- 3) Amor biológico**

Cada grupo deve defender seu tema como o tipo mais “certo” de amor. Isso deve ser feito por escrito e depois lido para toda turma por um dos participantes de cada grupo.

Fechamento:

O coordenador deverá então, analisar cada argumento usado pelos grupos, ressaltando a importância de todas as formas de amor.

PAPEL DO EDUCADOR SEXUAL

Objetivo:

Levar o grupo a uma reflexão sobre o papel do educador sexual.

Tamanho do grupo:

Ilimitado. Subgrupos de 3 a 10 pessoas.

Tempo exigido:

De uma hora a uma hora e meia.

Ambiente:

Sala ampla.

Material:

Papel e lápis para cada participante.

Processo:

1 – Aquecimento do grupo; o facilitador pedirá que cada integrante individualmente escreva 3 características esperadas num educador sexual e 3 características que esse educador não deve ter. Os papéis serão entregues ao facilitador.

2 – O grupo é dividido, ao acaso, em subgrupos com 3 a 10 participantes cada um.

3 – Os papéis entregues ao facilitador serão distribuídos ao acaso entre os participantes dos subgrupos, que discutirão as características positivas ou não ali listadas.

4 – Cada subgrupo apresentará suas conclusões sobre quais devem ser as características desejáveis do educador sexual através de uma imagem, sem se utilizar palavras.

5 – Será aberta discussão, sob a coordenação do facilitador.

Fechamento:

O facilitador enfatizará as dificuldades enfrentadas sempre que se queira reduzir um assunto tão complexo como este. Enfatizará ainda a importância da linguagem não verbal na comunicação entre as pessoas.

PISO MÁGICO

Objetivo:

Este jogo se propõe a provocar a capacidade de imaginação e fantasia dos adultos, sempre relegados a um segundo plano. Pode ser utilizada como uma Dinâmica isolada, ou como técnica de aquecimento para outras Dinâmicas.

Tamanho do grupo:

De 20 a 30 participantes.

Tempo exigido:

15 a 30 minutos.

Material necessário:

Nenhum.

Ambiente físico:

Sala ampla e arejada, de dimensões tais que permita a livre locomoção dos participantes.

Processo:

O grupo todo deve andar livremente pela sala, imaginando que está caminhando sobre pedras; na areia quente; na beira da praia, na grama; na chuva; em um dia de

intenso calor; sobre a neve; na atmosfera; onde não há gravidade; num bosque florido, etc.

Fechamento:

O facilitador enfatizará a importância do uso da fantasia para um melhor relacionamento interpessoal, bem como nos atos da vida diária.

RÓTULOS

Objetivo:

O exercício demonstra a facilidade com que as pessoas são rotuladas e reduzidas ao que se pode ver na “embalagem”, sem que tenham tempo de mostrar o que realmente são.

Tamanho do grupo:

Vinte ou trinta pessoas, dispostas em sete (7) subgrupos.

Tempo exigido:

1 hora.

Material utilizado:

Cartões e fita adesiva.

Ambiente físico:

Sala de aula ampla, sem carteiras.

Processo:

Sete dos integrantes, um de cada subgrupo, receberão – sem que saibam o que nele está escrito – um rótulo a ser aderido à sua testa. Nos rótulos estarão escritas frases como as que se seguem:

- **SOU ENGRAÇADO, RIA.**
- **SOU TÍMIDO, AJUDE-ME.**
- **SOU SURDO, GRITE.**
- **SOU MENTIROSO, DESCONFIE.**
- **SOU CRIATIVO, OUÇA-ME.**
- **SOU INSIGNIFICANTE, IGNORE-ME.**
- **SOU MUITO PODEROSO, BAJULE-ME.**

Os membros do grupo devem andar pela sala, se relacionando de acordo com os dizeres dos papéis colados à testa da pessoa de quem se aproxima.

Fechamento:

O facilitador perguntará a cada um dos 'rotulados' como se sentiu naquela situação, e que tipo de percepção teve sendo assim discriminado.

SEXUALIDADE DO PROFISSIONAL

Objetivos:

Tentar qualificar um bom educador sexual; Esclarecer conceitos de valores e ética profissional.

Tamanho do grupo:

De 30 a 35 participantes.

Tempo exigido:

Uma hora.

Material utilizado:

Cópia dos itens profissionais. Caneta ou lápis.

Ambiente físico:

Sala ampla, com carteiras.

Procedimento:

Os participantes são divididos em subgrupos de 5 a 8 pessoas, recebendo cada subgrupo uma cópia dos atributos profissionais, sendo instruídos a colocá-los em uma ordem decrescente de prioridade. Cada subgrupo apresentará então suas conclusões, que devem – na medida do possível – serem atingidas por consenso. As opiniões dos diversos subgrupos são debatidas, tendo todos os participantes oportunidade de se manifestar.

Fechamento:

Os facilitadores devem enfatizar:

– as dificuldade para se chegar a um consenso dentro de cada grupo;

– a multiplicidade de enfoques possíveis;

– as dificuldades de se lidar com conceitos simplistas, tipo “certo/errado”, em temas complexos como este.

Cada participante deve expressar seus sentimentos ao vivenciar a dinâmica.

Atributos profissionais:

1 – Experiência educacional

2 – Competência

3 – Maturidade psicossocial

4 – Empatia

5 – Ausência de preconceitos

6 – Ética

7 – Flexibilidade

8 – Qualidades pedagógicas

9 – Permissividade

10 – Capacidade de perceber o que sentiria caso estivesse na situação e na circunstância experimentada por outra pessoa.

11 – Habilidade do educador em não julgar o comportamento sexual dos educandos.

12 – Capacidade de consentir, de ser indulgente, de ser tolerante.

13 – Capacidade de esclarecer, ensinar, educar.

14 – Habilidade na escolha e ajustamento da atitude técnica mais adequada.

15 – Não utilização do educando para gratificações neuróticas.

16 – É o estar bem, isto é, ajustado consigo mesmo e praticamente seguro de sua sexualidade.

SEXUALIDADE DENTRO DA FAMÍLIA

Objetivo:

Identificação dos conceitos culturais sobre sexualidade.

Tamanho do grupo:

Ilimitado.

Tempo exigido:

De uma hora a uma hora e meia.

Material necessário:

Nenhum.

Ambiente:

Sala suficientemente ampla.

Processo:

1 – O facilitador solicita que o grupo maior divida-se em subgrupos, pelo critério dos países de origem de seus ancestrais.

2 – Os subgrupos discutirão a respeito das formações e informações sexuais recebidas durante sua criação, baseada em sua família de origem.

3 – Cada subgrupo irá demonstrar em plenária a conclusão da discussão do tema através de uma “estátua” ou de uma cena (imagem não verbal).

Fechamento:

O facilitador coordenará a discussão, enfatizando as diferenças e similitudes constatadas, bem como suas implicações para o comportamento sexual futuro dos envolvidos.

TORNAREM-SE CONHECIDOS

Objetivos:

Ajudar os membros do grupo a se conhecerem, de uma maneira fácil e não ameaçadora. Explorar os sentimentos que se originam desse conhecimento. Explorar as dimensões desse encontro. Enfatizar a necessidade de saber escutar cuidadosamente durante uma conversa. Treinar a memória.

Tamanho do grupo:

De 25 a 35 pessoas.

Tempo exigido:

Aproximadamente uma hora.

Material necessário:

Nenhum.

Ambiente:

Sala ampla, com carteiras.

Processo:

O facilitador forma subgrupos a dois, orientando a todos para que, durante cinco a dez minutos conversem e procurem se conhecer mutuamente, focalizando as carac-

terísticas pessoais de cada um. Importa lembrar que esse exercício visa igualmente treinar para o “saber ouvir”. Para isso, convém assegurar-se que entendeu bem, dizendo por exemplo “o que ouvi dizer foi...”.

Após dez minutos forma-se um círculo maior, cabendo a cada participante apresentar seu colega a todos. Aquele que está sendo apresentado não deverá intervir durante a apresentação, podendo entretanto complementá-la ou corrigi-la ao final.

Fechamento:

Os facilitadores coordenam a discussão, procurando focalizar os sentimentos de cada um, ao apresentar seu colega e ao serem apresentados ao grupo.

TREINAMENTO ASSERTIVO

Objetivo:

É um procedimento que tem como meta fazer com que as pessoas se conduzam afirmativamente nos diferentes momentos de sua existência.

Tamanho do grupo:

Qualquer tamanho.

Tempo exigido:

Uma hora.

Material utilizado:

Nenhum.

Ambiente físico:

Sala com cadeiras moveis, suficientemente ampla para acomodar a todos.

Processo:

Os participantes são instados a sentarem-se em duplas, um de frente para o outro. Pede-se então que sucessivamente formulem um elogio ou transmitam qualquer outra mensagem que gostariam de transmitir nesse momento para a pessoa sentada em sua frente.

Fechamento:

Quando todos tiverem terminado de falar, os facilitadores devem chamar a atenção para o conceito de assertividade e para as dificuldades que encontramos em assumí-la. Devem ser enfatizados os vários componentes do comportamento assertivo, tais como:

Olhar nos olhos;

Postura corporal;

Linguagem gestual;

Expressão facial;

Tonalidade e volume da voz;

Escolha do momento apropriado;

Uso do pronome “eu”.

A seguir, pede-se que todos repitam a tarefa, procurando respeitar os itens acima assinalados.

Finalizando, os facilitadores devem fazer observações sobre o comportamento de cada um dos participantes.

TÚNEL DO TEMPO

Objetivo:

Este jogo favorece ao indivíduo a atenção para a sua sexualidade, que sempre estará presente em todos os momentos de sua vida, inclusive a profissional.

Tamanho do grupo:

Vinte a trinta pessoas. Exercício individual.

Tempo exigido:

10 minutos

Material necessário:

Nenhum.

Ambiente físico:

Sala de aula ampla, sem carteiras.

Processo:

Pede-se que os participantes se acomodem confortavelmente, que procurem relaxar e que fechem os olhos. O facilitador os conduz à uma viagem no túnel do tempo. Nessa viagem, irão até o útero de suas mães, para daí começar uma lenta viagem de regresso aos nossos dias, passando por todas as fases de desenvolvimento até a vida

adulta, registrando os fatos referentes a sua sexualidade. Ao abrirem os olhos, o facilitador pede que os participantes guardem para si o conteúdo da viagem. Este conteúdo deverá estar sempre presente, para que o profissional possa trabalhar a sexualidade do outro com maior tranquilidade.

ABRIGO NUCLEAR

Objetivo:

Propiciar, através da vivência e da discussão, que os participantes possam questionar valores e conceitos morais, bem como demonstrar a dificuldade de um exercício de consenso quando esses valores estão em jogo.

Tempo exigido:

1 hora

Tamanho do grupo:

25 a 40 pessoas

Material utilizado:

Uma cópia do texto “Abrigo Nuclear” e uma folha para anotações, para cada subgrupo.

Ambiente físico:

Sala ampla, que possa acomodar os participantes.

Processo:

1 – O grupo é dividido em três subgrupos, com o mesmo número de pessoas.

2 – Distribui-se para cada subgrupo uma cópia do texto “Abrigo Nuclear” e uma folha em branco para anota-

ções. O facilitador deve ler em voz alta a atividade, pedindo que todos acompanhem a leitura e esclarecendo eventuais dúvidas. É importante que seja enfatizado que cada subgrupo deve discutir as propostas e entre em consenso. Os subgrupos terão 20 minutos para terminar esta etapa, e devem eleger um representante.

3 – Abre-se um círculo e os representantes de cada subgrupo verbalizam a posição de consenso do subgrupo. É importante que se frise que, quando o representante estiver falando, os outros participantes do subgrupo não podem emitir opiniões, nem a favor nem contra.

4 – Depois de todos os subgrupos exporem suas opiniões, todos poderão concordar ou discordar das escolhas feitas. O facilitador deve estimular os participantes a discutir a respeito dos aspectos morais envolvidos.

TEXTO: “ABRIGO NUCLEAR”

Ocorrida uma hecatombe nuclear, restaram no planeta uma dezena de sobreviventes. Por serem ainda elevadas as taxas de radiação, é necessário que as pessoas se abriguem. Entretanto, existe apenas um abrigo nuclear, onde poderiam encontrar refúgio somente cinco (5) pessoas.

A tarefa do subgrupo consiste em selecionar, do grupo de dez sobreviventes, as cinco pessoas que irão ocupar o abrigo.

São sobreviventes:

- Uma adolescente de 15 anos, débil mental, com QI abaixo de 20.
- Um padre de 78 anos.
- Um físico nuclear de 35 anos, que já cometeu reconhecidamente vários assassinatos.
- Um homossexual de 45 anos.

- **Uma prostituta de 43 anos.**
- **Um psicopata de 35 anos e sua esposa de 31 anos, que aceita ir para o abrigo apenas se seu marido for junto.**
- **Uma mulher de 26 anos, que havia feito voto de castidade.**
- **Um rapaz de 27 anos, impotente primário.**
- **Um rapaz de 18 anos, que já havia tentado por duas vezes o suicídio.**

SACO TÁTIL

Objetivo:

Fazer com que os participantes lidem com o desconhecido, a surpresa e o inesperado.

Tamanho do grupo:

20 a 30 participantes

Tempo necessário:

60 minutos

Ambiente físico:

Sala ampla

Material necessário:

Um saco plástico preto e aproximadamente 30 objetos difíceis de serem identificados pelo tato.

Processo:

O facilitador passa o saco preto com os objetos para que cada participante nele introduza a mão e tente, em 15 segundos, identificar pelo tato o maior número possível de objetos, sem se manifestar. Após terminado seu tempo, cada participante deve anotar num papel, que manterá guardado, os nomes dos objetos que conseguiu identi-

car. Depois que todos tiverem examinado o saco pelo tato, ele será aberto e os objetos mostrados a todos, um a um.

Fechamento:

O facilitador deve discutir os aspectos do novo e a coragem de explorar uma situação desconhecida. O grupo deve discutir como a mudança de perspectiva altera a percepção, e como é difícil demonstrar ou lidar com qualquer coisa, sem que dela se tenha conhecimento prévio.

DINÂMICA DA ELEIÇÃO

Objetivos:

Discutir os processos decisórios inerentes à toda e qualquer atividade humana. Mostrar as dificuldades usuais para expressão não verbal.

Tamanho do grupo:

Qualquer.

Tempo exigido:

De uma hora a uma hora e meia.

Material necessário:

Nenhum.

Ambiente físico:

Sala ampla.

Aquecimento:

O grupo deve ser subdividido em quatro, através da escolha de papéis de cor branca, preta, rosa ou azul. Depois, os subgrupos rosa e azul, e branco e preto, serão reunidos e será pedido a eles que discutam sobre os mecanismos e os prós e contras de eleições diretas e indiretas. Após uma breve discussão, cada um dos dois grupos for-

mados deverá eleger através do sistema que concluiu ser o melhor (eleição direta ou indireta) três representantes, que cada grupo acredite serem os que se expressam melhor de forma não verbal.

Feito isso, pede-se que os participantes escolham o nome de três filmes. Os representantes de cada grupo irão até o grupo oposto, onde lhes será informado o nome do filme que cada um irá representar para seu próprio grupo.

O tempo de cada uma para essa representação será de um minuto e meio.

Fechamento:

O facilitador deverá pontuar para o grupo as diferenças de interpretação emergidas, tanto quanto às expressões não verbais quanto aos temas que se referem a conceitos pessoais. Deve ainda ser ressaltada a não existência de certo ou errado, mas sim de vivências e interpretações individuais.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- Abreu, M. C. e Masetto, M. T.** *O professor universitário em aula. prática e princípios teóricos. Coleção Educação Contemporânea. São Paulo: Cortez Editora; 1980.*
- Antunes, C.** *Manual de Técnicas de dinâmica de Grupo de Sensibilização de Ludopedagogia. Petrópolis: Vozes; 1987.*
- Fritzen, S. J.** *Exercícios práticos de Dinâmica de Grupo. 2 vols. Petrópolis; Vozes; 1987.*
- Monteiro, R. F.** *Jogos dramáticos. Ágora, 1991.*
- Klein, A. F.** *Serviço Social através do processo de grupo. 2ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.*
- Lima, L. O.** *Treinamento em Dinâmica de Grupo no lar, na empresa, na escola. 7ª ed., Petrópolis, Vozes, 1982.*
- Minicucci, A.** *Dinâmica de Grupo – teorias e sistemas. São Paulo, Atlas, 1982.*
- Zander, C.** *Dinâmica de Grupo. 2 vols., 3ª ed., São Paulo, EPU, 1975.*

Nelson Vitiello é médico, formado pela Faculdade de Medicina da Pontífica Universidade Católica de São Paulo, especialista em Ginecologia e Obstetrícia pela Federação Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO). É Doutor em Medicina pela USP e, atualmente, exerce as funções de Professor Assistente Doutor na Disciplina de Ginecologia e Obstetrícia do Departamento de Saúde Materno Infantil da Faculdade de Medicina do ABC, em Santo André, São Paulo.

É especialista no atendimento a adolescentes, com Curso de Especialização feito no *Centro de Atención a Adolescência* (CORA), no México. Tem Título de Especialista em Educação Sexual concedido pela *Federación Latinoamericana de Sociedades de Sexologia y Educación Sexual* (FLASSES).

Desde maio de 1993 é o Presidente da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana (SBRASH).

É autor, co-autor ou editor de 17 livros e de mais de uma centena de trabalhos publicados em revista nacionais e internacionais, muitos dos quais sobre adolescência, sexualidade e educação sexual.

Desde 1993 é o Coordenador dos Cursos de Pós-Graduação *Lato sensu* em Educação Sexual, promovidos pela Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana e pela Câmara de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina do ABC.



IGLU EDITORA LTDA.
Rua Duílio, 386
CEP 05043-020 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 873-0227

ISBN 85-85631-33-3



9 788585 63133A